

# nordês

PERIÓDICO ANARQUISTA

UMHA COLABORAÇOM ENTRE  
ARDORA (S)EDIÇONS ANARQUISTAS  
E COLAPSO ZINES



N19 · MARÇO 2020

DO CONTROLO SOCIAL  
AO CONTROLO MENTAL

REFÉM

PRISOM EM ESTADO  
DE ALARME

# DO CONTROLO SOCIAL AO CONTROLO MENTAL

COLABORAÇOM

Que existe umha coisa chamada controlo social, polo qual se vigia, dirige e conduz ao grosso do corpo de umha sociedade para umha série de condutas convenientes para os governos e outros poderes, é mais que evidente. Diversas tendências políticas denunciam o facto desde há décadas e muitas disciplinas estudam o como e o por que de dito controlo social. A questom, basicamente, é que a população esteja caladinha enquanto a puteiam os seus dirigentes e outros parasitos, ou caso de se cansar, que o seu cansaço e raiva se canalizem através de um protesto manso e redirigido, do qual as elites podam tirar proveito, ou no mínimo conseguir que seja o menos daninho possível para os seus interesses. Espetáculos de massas, modas, linhas de pensamento (saídas das universidades), dispositivos tecnológicos, drogas, todo o tipo de lazer e inclusive a saúde ou o

emprego e as condições materiais som os elementos de controlo social mais potentes, mas nom os únicos.

O desporto fai com que estejamos mais pendentes de quem assina por qual clube ou do último jogo que dos nossos próprios problemas, assim podemos ver como há milhares de pessoas que atravessam um continente para ver um espetáculo desportivo, ou que chegam a realizar manifestações contra os árbitros de futebol enquanto a miséria ou a injustiça (ou ambas) explodem na sua cara. Uma maneira de desabafar como quem vai à academia ou quem procura briga um fim de semana na porta de umha discoteca. A moda ou as redes sociais vam fazer-nos estar mais pendentes da dieta que há que levar porque é *guay* ou *superme-garrespeitosa* com o médio ambiente, ou de quem mostrou o cu no seu instagram, antes do que estar pendente de que é o que acontece com a nossa própria vida ou de como a pisam dia sim e dia também. As tecnologias fam-nos dependentes, submissos e estúpidos, modificando o nosso comportamento ao ditado de 180 caracteres, do *pitido* de um aparelho ou porque sem eles a cada vez podemos fazer menos cousas, além de que graças a essas tecnologias podemos ver quem mostrou o cu em instagram ou a final da champions league. Modas modernas ideológicas fam que brigues com quem está fodido como tu antes de brigar com quem dirige a nossa opressom. E nem que dizer tem como nos controlam através da chantagem do emprego (se protestas à rua, há mil como tu a optarem polo posto) ou como nos levam das orelhas aonde querem com o tema da saúde, como por exemplo matando-nos de pânico com o coronavirus (que em

verdade, apagou como por arte de magia os distúrbios e revoltas em sítios como Chile, Líbano, Irão ou Hong Kong, Bolívia e inclusive reduziu a tensom em Catalunha).

E precisamente é o coronavirus a ferramenta que lhe está a permitir ao estado dar um passo mais no controlo social e o levar para além disso, até o controlo mental, polo qual as pessoas acabam convertendo-se em polícia a tempo completo de si mesmos e dos demais (*yomequedoencasa*). Como figérom isto? pois com uma simples técnica psicológica que se denomina precisamente controlo mental.

Em primeiro lugar, assustam-nos mas asseguram-nos que tudo está baixo controlo e se vai solucionar. Assustados mas confiando em que a cousa nom é tam grave e vai passar rápido, confinam-nos, para o nosso bem (faltava mais), e a partir de aqui dosificam o medo. Quando já estamos na casa sem sair entre a coaçom do medo e a repressom policial (até um ano de cárcere por saltar-se o confinamento), aterrorizam-nos: o pior está por chegar, o exército sai às ruas de todo o país (nom sabemos a fazer mui bem o que, parece ser que a limpar estaçoms de trem, que todo mundo sabe que é para o que está o exército), se saes de casa pouco menos que morrem 10 velhos pola tua ousadia, mas como já estamos na casa e nom se pode sair porque lho tenhem metido à gente na cabeça, pois já estamos desorganizados, impotentes, isolados, desarmados, e assim é como aplicam as técnicas de controlo mental que estabelece a psicologia:

**Isolamento total ou parcial do núcleo familiar ou social.** Neste caso, fundamentalmente, cortam-se os laços com os amigos, mas em muitos casos também com a família. Cortar com os laços afetivos dos possíveis manipulados facilita o processo de controlo mental, já

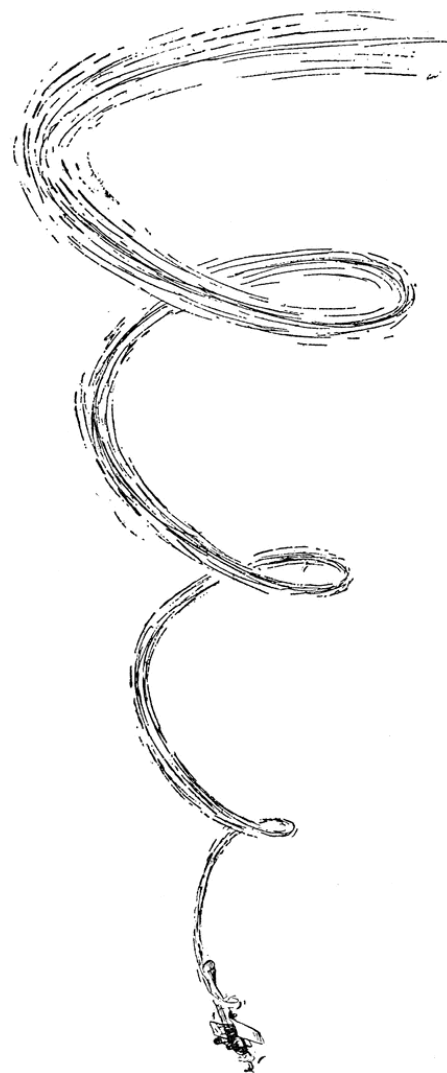
que há uma dependência total ou parcial para o manipulador, com o qual estamos ligados as 24 horas graças à tv e redes sociais.

**Esgotamento físico e psicológico paulatino.** Utilizam-se várias atividades para diminuir as capacidades físicas e \*cognitivas do manipulado. Neste caso concreto, a inatividade do confinamento, pois ao não poder desenvolver umha atividade física adequada, o corpo se cansa dado que a energia nom circula corretamente, se estanca e isso produz cansaço. Além disso em situaçoms de confinamento, acrescenta-se o esgotamento psicológico polo stress que se acumula ao nom poder sair e se relacionar cara a cara com os demais e, neste caso particular, a incerteza sobre o futuro e mais o medo induzido, o pânico, que nos esgota psicologicamente, o qual também nos produz cansaço físico.

**Mudança de dieta.** Umha mudança nos hábitos alimentícios (neste caso um pode comer o que há no supermercado e isso nom sempre é o que se quer, sem contar com que podam surgir problemas de abastecimento) também debilita o corpo e a mente do manipulado, designadamente se na dieta se diminuem as proteínas. Nestes casos a ansiedade pode fazer com que recorramos à comida lixo para saciar o nervosismo; esta comida, mais doce e em aparência saborosa é abundante em hidratos de carbono mas pobre em proteínas e sobretudo em vitaminas, e isso repercute em negativo fisicamente e também psicologicamente, estando este procedimento muito relacionado com o anterior.

**Lembrete constante de ideias singelas ou complexas.** Esta é umha das técnicas mais importantes, já que só tendo presente constantemente as ideias que querem ser inseridas no manipulado, será efetivo o controlo mental. Isto

*as pessoas acabam  
convertendo-se em  
polícia a tempo  
completo de  
si mesmos  
e dos demais*





fai-se as 24h graças à televisom e o *mantra* que nos introduzem é o “eu fico em casa” ou o “confiemos nos experientes”.

**Demonstrações medidas de afeto e recompensas.** O manipulador dá atençom e prémios ao manipulado desde que este faga algo que facilite a sua manipulaçom mental. Todo isto com o objetivo de gerar uma dependência entre o manipulado e o manipulador. Neste caso concreto, confiança, louvores, ajudas económicas, reconhecimento, a criaçom de sentimentos identitários e patrióticos (juntos podemos, fazemo-lo por todos, por espana...), que nos reconfortam psicologicamente, com a instituiçom de referentes e façanhas heroicas, etc. (os aplausos na varanda aos nossos heróis sanitários enquanto a todo o mundo lhe importa umha merda que trabalhem 12 horas ou que palmem por infetarem-se de um vírus depois de uma baixada de defesas por esgotamento).

**Utilizaçom subtil ou direta de drogas.** Facilita o controlo mental. Neste caso concreto a droga som a televisom e os fármacos.

**Hipnose.** Para fazer vulnerável a mente do manipulado, e desta maneira facilitar o próprio processo de manipulaçom. A hipnose neste caso vem polo *mantra* repetido até a saciedade nos televisores, cujos mais de 400 pontos hipnóticos localizados no ecrám está mais que demonstrado que influem na atençom e o comportamento das pessoas (para exemplo quando alguém entra nalgum sítio onde há umha tv ligada e como ato reflexo a sua atençom se desvia para o ecrám, ficando como atrapalhado. Só um ato de vontade fai que te desvies da sua atençom)

Graças ao medo e ao isolamento (cuja eficácia contra esta pandemia é mais que discutível), a este encerro quase total, indu-

zem-nos à mansedume, a repetir como papagaios umhas consignas que som pura propaganda. E conseguem cousas como que a gente veja como a polícia aplauda o corretivo desde as suas janelas, que *ertzainas* e picoletos se dem a mao em homenagem a um polícia morto polo covid 19 quando os demais temos que ir de um em um pola rua e nom podamos acercar-nos a ninguém a menos de metro e médio e ninguém diga nada, ou que se proíba aos sanitários denunciar por redes sociais as suas condições de trabalho ou questionar as diretrizes oficiais das autoridades

sanitárias em aras da proteçom de dados e no entanto qualquer empresa de merda nos poda chamar ao telefone para nos vender qualquer porqueira e ninguém diga nada. Como di uma grande pensadora do nosso tempo, que merda é esta?

E assim é como se passa de que nos controlem, a que nós mesmos nos controlemos (a nós mesmos e aos demais). Agora há milhões de polícias que coacionam a quem se salta o confinamento (muitas vezes por inconsciência, sim, mas outras muitas com responsabilidade e conhecimento, sabendo que todo isto é umha fraude). E baratinho.



# REFÉM

FINIMONDO

Nunca antes a realidade tomou a imaginação como refém. Os nossos desejos e sonhos mais tolos som esmagados por umha catástrofe invisível que nos ameaça, confina-nos, amarrando as nossas maos e pés ao canastro do medo. Algo essencial está-se jogando hoje em torno da catástrofe atual. Ignorando as poucas Cassandras que desde há décadas venhem emitindo as suas advertências, passamos agora da ideia abstrata ao facto concreto. Como mostra a emergência de hoje, com todas as suas proibições, o que está em jogo nom é a mera possibilidade de supervivência, senom algo muito mais importante: a possibilidade de viver. Isto significa que a catástrofe que nos assombra hoje nom é tanto a iminente extinção humana —que deve evitar-se, aseguram-nos tanto acima como abaixo, só com total obediência

aos especialistas da reprodução social— como a omnipresente artificialidade dumha existência cuja omnipresença nos impede imaginar o fim deste presente.

“Catástrofe”: do grego *katastrophé*, “vuelco, derrocamento”; substantivo do verbo *katastrépho*, de *kata* “baixo, abaixo” e *stréphein* “derrocar, xirar”.

Desde os tempos antigos, este termo manteve entre os seus significados o de um evento violento que trae consigo a força para mudar o curso das cousas, um evento que constitui tanto umha rutura como umha mudança de direção, e que em consequência pode ser tanto um começo como um final. Um evento decisivo, em resumo, que ao quebrar a continuidade da ordem mundial permite o nascimento de algo mui diferente. A imagem fácil e imediata do arado quebrando e transformando um recanto de terra seca e esgotada, reavivando e preparando o solo para umha nova sementeira e

umha nova colheita, fai o aspeto fértil presente num termo geralmente associado apenas ao epílogo dramático.

Daí a ambivalência dos sentimentos humanos despertados num passado distante pola catástrofe, que vam do medo ao pânico até o fascínio extremo. Para além e contra qualquer temor à morte, durante séculos os seres humanos percebérom o infinito através da destruição catastrófica, buscando nele a deslumbrante revelação física *do que nom eram*. Do caos primordial ao Apocalipse, do Dilúvio Universal ao Fim dos Tempos, da Torre de Babel ao ano 1000, houve numerosos imaginários catastróficos em torno dos quais a humanidade tentou definir-se, na sua relação com a vida e o mundo sensível, sob o signo do *acidente*. O sentimento de catástrofe foi, muito provavelmente, a primeira percepção íntima da rutura do imaginário, umha fenda permanente na (suposta) unifor-

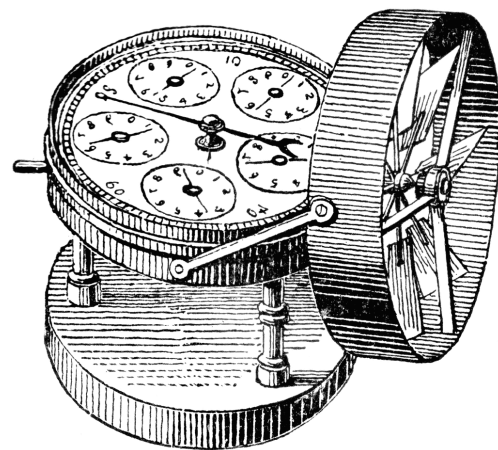
midade da realidade. Aproximar-se aos limites desta fenda, seguir a sua linha, significava ceder à tentação de questionar o destino, nom ostentando a presunção de respondê-lo. Imaginário ou real, a catástrofe possuía a força prodigiosa de emergir como a cousificação do que excede a mais triste condição humana.

Só em meados do século XVIII, após o descobrimento dos restos de Pompeia em 1748 e do grande terramoto de Lisboa em 1755, a palavra catástrofe começou a ser utilizada na linguagem comum para definir um desastre imprevisito de enormes dimensões. Desvio do significado facilitado polo facto de que, depois de 1789 e da toma da Bastilha, será outra a palavra usada para indicar umha inversom, umha rutura irreversível da ordem pré-existente capaz de preparar o advento dum novo mundo. Nascido na Era das Luzes, o conceito de revolução só podia ter um carácter *intencional*, fortemente ligado à razão, e por isso estava ligado à conclusom dum processo, à evoluçom dumha ideia, ao resultado dumha ciência. Esta é a diferença profunda que tem com a catástrofe que a precedeu e que, em certo sentido, a acompanha. Onde a revolução é umha encarnação da história, a catástrofe é a sua interrupçom. A primeira é programada em estruturas, formulada em objetivos, organizada em meios, e a segunda é inesperada no tempo, imprevisita na forma, inadequada nas consequências. Nom cria homens e mulheres satisfazendo-os nas suas aspiraçoms e crenças, originais ou induzidos como podem ser, precipita-os fora das suas medidas e representaçoms comuns, ao ponto de reduzi-los a elementos insignificantes dum fenómeno sem nengumha lei.

Ainda mais que a revolução, a explosom catastrófica do des-

ordem varreu o velho mundo, abrindo o caminho a outras possibilidades. Depois de que o impensável se materializou, os seres humanos nom podem permanecer os mesmos porque nom virom com os seus próprios olhos apenas casas, monumentos, igrejas ou parlamentos colapsados. Mesmo crenças, teorias, leis... todo caiu em escombros. O antigo fascínio da catástrofe provém de aí, desse horizonte caótico irreduzível a cada cálculo, quando umha convulsom sem precedentes quebra abruptamente cada referência estável, colocando brutalmente a questom do sentido da vida cujas repercussoms infinitas exigem, em resposta, um excesso de imaginação. A catástrofe serviu ao indivíduo, no dramático descobrimento de algo que vai para além da sua identidade, para se fundir-se novamente com a natureza, o solo primordial ou a fonte da criação.

Mas desde o fim da II Guerra Mundial, marcada pola primeira explosom atómica, o que aconteceu? Que a perspectiva revolucionária foi-se apagando gradualmente dos coraçoms e das mentes. Assim, dentro deles, apenas umha forma possível de perturbaçom material permaneceu inquestionável, ademais de estar na possessom doutros meios técnicos formidáveis para se manifestar. Mas a catástrofe de hoje tem mui pouco em comum com a de tempos passados. Já nom é o relâmpago da natureza ou a obra dum Deus que coloca o ser humano diante de si mesmo —é um mero produto da arrogância científica, tecnológica, política e económica. Se, ao perturbar a ordem estabelecida, as catástrofes do passado nos incitárom a olhar o impossível de cara, as catástrofes modernas estám apenas a cavar mais fundo no possível. Em vez de abrir o horizonte e afastá-lo, fecham e cravam-no ao que está mais próximo.



A imaginação selvagem dá lugar ao risco calculado, por isso já nom se quer viver outra vida, anela-se sobreviver manejando os danos.

Umha após outra, as catástrofes que ocorrerom nas últimas décadas desfilam diante dos nossos olhos como se fossem simplesmente umha consequência da miopia tecnocientífica e do mal governo, que há que superar com técnicos e políticos mais cuidadosos e previsores. As catástrofes do presente e do futuro tornam-se assim evitáveis, ou polo menos reduzíveis, só e exclusivamente com um controlo cada vez maior das atividades humanas, situadas em condições de emergência permanente. Como resultado desta lógica, os desastres “naturais” som imediatamente esquecidos e removidos num contexto distante, como se fossem acontecimentos menores, enquanto que os desastres “humanos”, por si sós, ocupam o centro da cena numha narrativa que nos convida a aceitar o inaceitável. Se eles nos atemorizam, é apenas porque a nossa sobrevivência física como espécie está ameaçada. E isto é o que mais se deve temer, a catástrofe invisível da submissom sustentável, da administração do desastre, aquela que encadeia e paralisa a nossa ilimitada vontade de viver, impondo distâncias e medidas de segurança.



# PRISOM EM ESTADO DE ALARMA

**D**esde o dia 15 de março, no começo do estado de alarma (ou estado de sítio para quem vemos militares armados nos nossos bairros) a partir do já conhecido Coronavirus ou Covid-19, restringírom-se tanto os nossos direitos que sair de casa comprar, trabalhar ou passear o cam tornou-se num desporto de risco em que a repressom em forma de polícias, militares ou vizinhança paranoica começa a preocupar mais do que o vírus.

Nas prisons, onde já som muitas as vulneraçoms de direitos que sofrem as pessoas presas, também chegárom medidas para conter o vírus. A escassez de pessoal sanitário (um 41% de praças de pessoal sanitário sem cobrir) fai com que as medidas impostas sejam especialmente repressivas para este coletivo de pessoas proibindo primeiro as visitas vis a vis e posteriormente qualquer tipo de visitas, incluindo a de advogadas. As pessoas presas contagiados ou com possíveis sintomas passam a módulos de isolamento ou castigo sem que se lhes realizem em muitos casos prova nengumha.

Isto está a desencadear um ambiente de tensom que vai a mais. Em Brians mais de 100 pessoas presas secundam umha greve de fome e noutros cárceres como Madrid II ou Lanzarote produzírom-se agressoms entre presxs ou entre presxs e carcereirxs.

A Associação Pró Direitos Humanos de Andaluzia (APDHA) dirigiu umha série de escritos ao Ministério de Interior e à Secretaria Geral de Instituiçoms Penitenciárias exigindo «umha série de medidas urgentes para velar polos direitos fundamentais das pessoas

privadas de liberdade». 53 associaçoms em defesa dos direitos humanos e coletivos anticarcerários já aderírom a esta proposta preocupadas «polos efeitos que pode ter o coronavirus na saúde e nos direitos das pessoas presas» sobretudo quando há um «serviço médico inadequado dentro de prisom, que pode chegar a constituir um trato desumano ou degradante».

Estas medidas propostas pola APDHA som as seguintes:

1. Em relaçom às **medidas a adotar referidas à assistência médica:**

a) Reforçar de imediato o modelo de pessoal sanitário dentro de prisom, especialmente naqueles centros penitenciários onde nom existe atualmente assistência por ausência de pessoal.

b) Em caso que se desse algum positivo, tentar que o isolamento se faça numha instalaçom médica, nom em cela como umha sançom.

c) Medidas especiais de controlo para os funcionários públicos e trabalhadores. Até agora som quem dérom positivo e quem podem ser fonte de contágio ao estar em contacto físico com as pessoas privadas de liberdade.

2. Em relaçom à adopçom de **medidas de excarceraçom por motivos humanitários:**

a) Excarceraçom imediata de internos doentes graves e a mais de 70 anos por constituir um grupo com duplo risco.

b) Excarceraçom de populaçom preventiva estabelecendo outro tipo de controlos se fossem necessários. Ainda que a detençom domiciliária ou a liberdade provisória terá que ser decidida polo Juíz do que dependam, se insta à Secretaria Geral de Instituiçoms Penitenciárias a que revise as

situaçoms nas que estas possibilidades devem articular-se na situaçom excecional na que nos encontramos e o comuniquem aos Juízes.

c) A respeito da progressom ao terceiro grau por motivos humanitários e de dignidade pessoal, depois da reforma do 2015, o Código Penal (CP) atribui a adopçom de dita medida ao tribunal ou juiz de vigilância penitenciária. Do mesmo tempo, também tem a competência para a concessom da liberdade condicional humanitária do artigo 91 CP, polo que solicitamos à Administração penitenciária que avalie tais casos e inste ao órgão judicial à sua adopçom.

d) Excarceraçom de pessoas com condenaçoms de pouca duraçom e cumprimento do regime aberto fora dos estabelecimentos com as possibilidades que o regulamento penitenciário prevê (controlo telemático ou doutro tipo). A este respeito a SGIP tem na sua mao a progressom ao terceiro grau através dos artigos 86.4 e 100.2 do Regulamento Penitenciário.

e) Excarceraçom de quem se encontre nos Centros de Inserçom Social.

3. Em relaçom às **comunicaçoms e direito à informaçom das famílias e das pessoas privadas de liberdade:**

a) O incremento das comunicaçoms orais ordinárias através de locutórios.

b) A gratuitidade de telefonemas extra.

c) Informaçom às famílias da situaçom sanitária dos seus familiares internos de maneira o mais rápida e esclarecedora possível.

# EXÉRCITOS NAS RUAS



**M**ilitares coordenados com a polícia patrulham as ruas de várias cidades galegas desde há uns dias. Normalizar o exército baixo o olhar conforme da cidadania. Já é costume de um tempo aqui que os estados aproveitem qualquer situação de emergência para despregar os militares com o fim de pôr umha cara amável a quem sementa morte. O exército é qualquer cousa menos humanitário, estas intervenções querem justificar a sua existência e de passo, ensaiar a intervenção militar no espaço urbano.

Alá por 2010 Bardo ediciones editou o livro «Ejércitos en las calles. Algunas cuestiones en torno al informe 'Urban Operations in the year 2020' de la OTAN». Umha reflexom crítica em base ao texto da Aliança Atlântica do coletivo italiano Nonostante Milano, unha mirada da militarização que esta por vir.

O informe foi elaborado polo grupo de estudos SAS 30, com

expertos de sete países: França, Alemanha, EUA, Canada, Holanda, Itália e Gram Bretanha, e publicado no ano 2003. O estudo analisa as complicações dos exércitos perante intervenções militares em entornos urbanos. O crescimento de grandes cidades e com elas arrabaldes em condições de pobreza podem dar lugar a sublevações e contextos de revolta. Ademais dos riscos tradicionais, a guerra num entorno urbano em que o inimigo nom é um exército regular senom pessoas mui diferentes leva a muitas dificuldades. Situações que podem desbordar as intervenções militares dada a quantidade e heterogeneidade das revoltosas, a complexidade da própria composição dos arrabaldes e as dinâmicas de protesta imprevisíveis, a guerra assimétrica. Para a Aliança Atlântica é necessário atualizar as suas estratégias e prever futuras intervenções em espaços urbanos a grande escala. Ver como apagar o inimigo interno, acabando com a coesom e a vontade de combater. Nas soluções pro-

postas, meios de vigilância com o fim de dirigir ações táticas contra os pontos neurálgicos do inimigo e a utilização de meios de ataque a distância para evitar o corpo a corpo. Outras focadas a controlar o fluxo de informação, pessoas e conhecer possíveis aliados dentro da povoação, fazer umha análise do território e remodelá-lo inclusive fisicamente se é possível. Outros dos pontos estratégicos é a humanização do exército e como fazer que o povo tenha umha boa opinião dele. Acostumar as pessoas a verem militares patrulhando nas cidades, aproveitando qualquer pretexto para sacá-los de passeio, qualquer catástrofe, emergência, desastre, serve para limpar a cara e vender-nos o bom serviço de paz de quem fai a guerra. Desta forma, normalizar a situação perante qualquer cousa que pudessem acontecer e, com certeza, para ninguém mover um dedo. O que vemos nas ruas estes dias é parte dessa estratégia preventiva. Umha leitura recomendável para entender o militarismo que vem.

## EXTRADITAM GABRIEL POMBO DA SILVA

Ao feche desta edição recebemos a notícia de que no passado 26 de março o Tribunal Supremo de Lisboa aprovou a extradição do companheiro anarquista. Gabriel foi detido em Portugal no dia 25 de janeiro, quando se encontrava na clandestinidade. Desde esse momento ficou preso no Estabelecimento Prisional da Polícia Judiciária do Porto. A justiça, por meio da juíza

Mercedes Alcázar Navarro, reclama a Gabriel para que cumpra outros 16 anos de prisão e negam o princípio de especialidade polo qual foi liberado há quatro anos.

**Quem quiser colaborar, esta é a conta de apoio:**

*Titular: Elisa Di Bernardo*

*IBAN: ES06-0128-0180-3601-0009-8696*

*BIC/SWIFT: BKBKESMMXXX*

**Ardora**  
(s)editions anarquistas

ARDORAEDITORIA.INFO · ARDORA@BASTARDI.NET

**COLAPSO**  
ZINES

COLAPSOZINES@RISEUP.NET